

Falta de pessoal é o principal problema

Maternidades da rede federal no Rio não têm médicos, enfermeiros e auxiliares

• Um exame de emergência feito ontem nas maternidades dos três hospitais da rede federal no Rio — Andaraí, Bonsucesso e Servidores do Estado — revelou uma doença comum a essas instituições: a falta de pessoal. Já foram desativados nove leitos nas unidades de tratamento intensivo (UTIs) neonatais, 31 nas unidades intermediárias e 42 na obstetrícia, como revelaram os diretores desses hospitais ao vereador Paulo Pinheiro, presidente da Comissão de Saúde da Câmara de Vereadores.

— O Hospital dos Servidores tem capacidade para manter 36 leitos obstétricos, mas só 14 estão em funcionamento. A unidade intermediária poderia receber 32 bebês e está fechada. Na UTI neonatal, somente cinco leitos estão abertos, embora a capacidade seja para oito. Há espaço físico e material, mas falta gente para trabalhar — disse o vereador.

Segundo o diretor do HSE, Alair Gaspar Pinto de Azevedo, será possível trabalhar com a capacidade plena e até expandi-la se o Governo federal contratar auxiliares de enfermagem, que são o grande déficit do hospital.

— O HSE possui uma maternidade especializada em gravidez de alto risco, é de excelente qualidade e tem muito boas condições físicas. Qualquer dinheiro investido aqui é lucro. Os baixos salários e o Programa de Demissão Voluntária causaram o déficit de pessoal — diz Paulo Pinheiro.

O diagnóstico no Hospital Geral de Bonsucesso não é diferente. De acordo com o chefe da Unidade Materno-Infantil, Roberto Vianna Durão, há espaço e material suficientes para a maternidade trabalhar a plenos pulmões, mas faltam médicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem.

Ali, entre o que seria possível e o que realmente é feito, há um

abismo. Tudo funciona pela metade. Dos 56 leitos destinados a parturientes, apenas 28 estão em funcionamento. O déficit de 50% atinge a unidade intermediária (capacidade de 30 leitos e apenas 15 funcionando) e a UTI neonatal (capacidade para dez leitos contra os cinco que estão recebendo os bebês em estado grave).

— Essa situação já dura três anos. Sou o representante do hospital junto ao Ministério da Saúde e há um ano luto para conseguir pessoal e atingir a capacidade plena de funcionamento na Unidade Materno-Infantil. A área física está pronta para receber os leitos, mas falta gente. Precisamos de 22 obstetras, 19 pediatras, 33 enfermeiros e 61 auxiliares de enfermagem — disse Durão.

No Hospital Geral de Bonsucesso são realizados 280 partos por mês, dos quais cerca de 40 com risco de vida para a mãe e o bebê. São apenas seis leitos de pré-par-

to, mas há dias em que há 18 mulheres prontas para dar à luz. O jeito é acomodar duas mulheres na mesma cama, segundo disse Durão. No atendimento pré-natal — que funciona com um médico e residentes — são atendidas mensalmente 650 gestantes.

— Não podemos mandar embora uma mulher em expulsão, mas corremos o risco de uma epidemia — admite o médico.

No Hospital do Andaraí, um mal crônico: a unidade intermediária e a UTI neonatal não existem. São apenas 20 leitos obstétricos e um berçário com quatro incubadoras e quatro berços térmicos. Se um bebê correr risco de vida, o jeito é transferi-lo. Eles não têm estrutura nenhuma. Não há sequer respiradores — explicou Paulo Pinheiro. ■

Participaram desta cobertura: Célia Costa, Elba Boechat, Hilka Telles, Lúcia Antunes e Paula Autran